

4

Envelhecer longe de casa: Aspectos culturais e sociais dos refugiados na cidade de São Paulo

[Artigo 4, páginas de 62 a 81]

Artigo baseado na dissertação de mestrado de Denise Orlandi Collus, *Envelhecer longe de casa*, apresentada em 2015 ao Programa de Estudos Pós-Graduados em Gerontologia, da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, sob orientação da Profa. Dra. Silvana Tótoro.





Denise Orlandi Collus

*Assistente técnica da
GEPROS – Gerência de
Estudos e Programas
Sociais do Sesc São Paulo.
Mestre em Gerontologia
Social pela PUC-SP.
denisec@sescsp.org.br*

Silvana Tótora

*Professora Doutora
do Departamento de
Política e dos Programas
de Estudos Pós-Gradu-
ados em Gerontologia e
em Ciências Sociais da
PUC-SP.*



Artigo 4

Envelhecer longe de casa:

Aspectos culturais e sociais dos refugiados na cidade de São Paulo

RESUMO

Nesse artigo, pretendemos nos aproximar de uma espécie de imigração, a situação de refúgio, um fato relativamente novo no Brasil e quase completamente desconhecido de nossa sociedade. Nosso objetivo consiste em destacar o que é refúgio, a lei brasileira que garante a permanência dessas pessoas em solo brasileiro, assim como os direitos e deveres a todos que oficializam o pedido de refúgio perante o governo brasileiro. Destacaremos em especial a existência de um grupo ainda mais desconhecido dentre esses refugiados: pessoas com mais de cinquenta e cinco anos e que envelhecem em nosso país.

Palavras-chave: refúgio, envelhecimento, história oral.

ABSTRACT

In this paper, we intend to approach one type of immigration, that is, the refuge situation, a relatively recent factor in Brazil, almost unknown by our society. Our objective is to highlight a) what refuge is, b) the Brazilian law that grants these people the right to remain in Brazilian territory, and c) the rights and duties of all those who submit a formal request for refuge to the Brazilian government. We draw special attention to the existence of an even more obscure group among these refugees: people with more than fifty-five years old that grow old in our country.

Keywords: *refuge, aging, oral history.*

INTRODUÇÃO

Após a realização de nossa pesquisa, podemos apontar a surpreendente percepção de que o refúgio pode ser, no caso dos idosos entrevistados, um modo de invenção de si próprios e dos demais sujeitos que estão à sua volta. Constatamos a potência de vida nos sujeitos investigados e, se envelhecer significa hoje uma reinvenção, segundo Debert (1999), para esses refugiados trata-se de um verdadeiro renascimento.

Eles escaparam da morte para renascer na velhice; suas trajetórias de intenso risco de vida intensificam suas forças para agir; evidenciam que envelhecer não é apenas perder, mas um acontecimento da vida que os conclama a dignificá-la com a invenção de novos modos de existência. A velhice, portanto, pode ser situada na perspectiva de sua potência (TÓTORA, 2015).

Desde 1995, o Trabalho Sociocultural com Refugiados é desenvolvido pelo Sesc São Paulo, firmado por meio de convênio entre o Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial (Senac), a Caritas (Arquidiocesana de São Paulo) e o Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados (ACNUR). O objetivo de ações no campo cultural e socioeducacional consiste na promoção de uma perspectiva de convivência, respeito e dignidade, assim como incentivar a participação de refugiados em atividades dirigidas ao público em geral, ampliando a experiência tanto de quem chega quanto de quem acolhe.

A escolha dos entrevistados para esta pesquisa se deu em razão do convívio com os sujeitos desde longo tempo, o que propicia sua disponibilidade de contar suas histórias e, particularmente para esse estudo, sobre suas experiências de envelhecer longe de casa em situação de refugiado; e buscamos também a diversidade cultural dos entrevistados, o que enriqueceu ainda mais a pesquisa.

Os contatos com os idosos ocorreram na unidade do Sesc Carmo, situada na região central da cidade de São Paulo, em razão de um convênio estabelecido desde o ano de 1995 entre o Serviço Social do Comércio¹, o Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados² e a Caritas Arquidiocesana de São Paulo³, com o objetivo de oferecer serviços e ações socioculturais e educacionais a todas as pessoas que solicitam refúgio no Estado de São Paulo.

Orientamo-nos por um percurso metodológico que recrutou distintos recursos: o diário de campo; a observação participante; um questionário aberto; uma postura de nos colocarmos à escuta; de interrogar os silêncios; um desejo de conhecer as histórias por meio das narrativas dos envolvidos diretamente nos acontecimentos que esta-

1 O Serviço Social do Comércio

- Sesc é uma instituição de caráter privado, de âmbito nacional, criada em 1946 por iniciativa do empresariado do comércio e serviços que a mantém e administra. Sua finalidade é a promoção do bem-estar social, a melhoria da qualidade de vida e o desenvolvimento cultural de seu público prioritário e da comunidade em geral.

2 O ACNUR, criado em

dezembro de 1950 por resolução da Assembleia Geral da ONU, iniciou suas atividades em janeiro de 1951, para reassentar refugiados europeus que estavam sem lar após a Segunda Guerra Mundial.

3 Caritas é um organismo da

Igreja Católica Apostólica Romana presente em 200 países e territórios, na forma da rede Cáritas Internationalis, sediada em Roma, no Vaticano (originada em 1897). Essa rede está subdividida em 7 regiões: América Latina e Caribe, África, Europa, Oceania, Ásia, América do Norte e a chamada MONA – Oriente Médio e Norte da África.

Artigo 4Envelhecer longe de casa:
Aspectos culturais e sociais dos refugiados na cidade de São Paulo

mos investigando (MARTINELLI, 2012, p. 3); as entrevistas foram realizadas nos locais indicados pelos entrevistados, a maioria nas suas casas, e utilizamos gravador com consentimento.

A DIMENSÃO DA VELHICE E DO ENVELHECIMENTO PARA O REFUGIADO

Envelhecer é uma experiência que se coloca como possível para os viventes. Entre a velhice e a vida, não há escolha. As leis brasileiras garantem a todos, independentemente da idade, os direitos fundamentais como pessoa, além de direitos especiais a partir dos 60 anos.⁴

A proposta desse nosso estudo é ir além de simplesmente apresentar a realidade inquietante do refugiado no Brasil de nossos dias. Queremos provocar o olhar e suscitar reflexão sobre as condições de extrema vulnerabilidade dessa população, pois entendemos que a produção de direitos para os refugiados, particularmente os idosos, torna-se urgente.

Em abril de 2002, na Segunda Assembleia Mundial sobre o Envelhecimento, realizada em Madri, as questões relativas aos idosos refugiados e deslocados internos ocuparam um lugar importante entre os muitos pontos apresentados na agenda, diferentemente da Primeira Assembleia, em Viena, duas décadas antes.

Convocada por solicitação da Assembleia Geral das Nações Unidas, a segunda reunião intergovernamental foi organizada a fim de, primeiramente avaliar os progressos na implantação do Plano de Ação sobre o Envelhecimento, decidido no encontro anterior; e depois no intuito de acatar novas e mais relevantes contribuições ao plano. Assim, no encontro de Madri, o Plano de Ação Internacional contemplou, por consenso, vários compromissos na busca por resposta às necessidades específicas dos idosos refugiados e deslocados internos.

Diante de tragédias humanitárias, causadas por guerras, conflitos armados ou desastres ambientais, a sobrevivência de idosos depende de uma espécie de seleção, levada a cabo por agências humanitárias. Trata-se de uma “priorização” de recursos, dado que as necessidades das pessoas de mais idade são consideradas de menor importância, comparadas às de mulheres e crianças.

O processo de incluir idosos refugiados em programas de reabilitação e de reinserção social é lento e exige atenção redobrada para que possam participar e, mais do que isso, contribuir para a sociedade que os acolhe, por meio da troca de experiências e ajuda diante de situações limites.

4 PCf.: Estatuto do Idoso – Lei n. 10.741, de 1º de outubro de 2003.

Soma-se a esse “consenso na priorização dos recursos” o fato de que, quando se trata de atender às necessidades dos idosos refugiados, as opções de programas são na maioria das vezes limitadas. A maior parte dos profissionais de agências humanitárias tem consciência da escassez de tempo e de recursos e da enormidade de problemas mais específicos enfrentados pelas pessoas mais velhas. Além disso, têm de lidar com a pressão dos doadores, da sociedade e dos governos anfitriões por apresentação de resultados.

O Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados - ACNUR e outras agências humanitárias reconhecem os idosos refugiados como uma população vulnerável, que merece, e de fato requer, especial atenção. O objetivo do ACNUR é colocar em prática iniciativas que auxiliem esses idosos em sua reinserção social por meio da recolocação profissional, pois, com isso, serão capazes de auxiliar no sustento de suas famílias e no de si próprios.

No melhor dos casos, podem dispensar a ajuda governamental e ainda oferecer sua experiência de acolhida e assistência às pessoas recém-chegadas em território brasileiro. Aliás, é justamente pela valorização de seus conhecimentos e experiências que esses idosos poderão desempenhar valioso papel em suas respectivas comunidades, ou junto de sua família, auxiliando entidades e agências humanitárias.

Em 1999, durante o Ano Internacional da Pessoa Idosa, o ACNUR elaborou um relatório com o objetivo de desenvolver e instituir uma política voltada ao idoso em situação de refúgio, definindo parâmetros de uma abordagem integrada e eficaz, aplicável em todas as situações nas quais o refugiado possa se encontrar.

Segundo o próprio ACNUR,

O Brasil teve um papel pioneiro e de liderança na proteção internacional dos refugiados. Foi o primeiro país do Cone Sul a ratificar, na década de 1960, a Convenção relativa ao Estatuto dos Refugiados de 1951. Foi ainda um dos primeiros países integrantes do Comitê Executivo do ACNUR, responsável pela aprovação dos programas e orçamentos anuais da agência.⁵

Particularmente, assume relevância a velhice dos refugiados também pelo fato de tratar-se de um grupo que, além de invisível, está sujeito a inúmeras adversidades, entre elas, as mais agudas são: o deslocamento forçado de sua terra natal, as dificuldades de construção de novos vínculos e a sociabilidade em terra alheia.

⁵ Disponível em: <<http://www.cidadevirtual.pt/acnur/sowr2000>>. Acesso em 19.set.2017

Artigo 4Envelhecer longe de casa:
Aspectos culturais e sociais dos refugiados na cidade de São Paulo

O processo de envelhecimento não é homogêneo, defende Beauvoir (1992), pois cada pessoa vive e tem uma história, uma inserção social e cultural que difere no que diz respeito à classe, ao gênero e à etnia. Essas distinções também estão relacionadas à saúde, à educação e às condições econômicas. No caso dos refugiados, tudo isso se exacerba dado o rompimento de vínculos sociais, de laços de amizade e até mesmo familiares construídos ao longo de uma existência e que lhe conferiam uma condição de pertencimento a uma nacionalidade ou comunidade.

Mercadante (1997, p. 4), numa perspectiva cultural, situa uma multiplicidade de modos de envelhecer:

[...] a velhice é natural e, portanto, universal se apreendida como um fenômeno biológico, mas é também imediatamente um fato cultural na medida em que é revestida de conteúdos simbólicos, evidenciando formas diversas de ação e representação [...] um corpo biológico pode envelhecer das mais variadas formas, tendo em vista as diferenças socioculturais.

Em 1999, o problema do refugiado idoso sensibilizou a representante do Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados Sadako Ogata,⁶ em razão do Ano Internacional das Pessoas Idosas, na ocasião declarou: *“les personnes âgées appartiennent au groupe de réfugiés et de personnes déplacées le plus invisible. J’espère changer cette situation”*.⁷

Giorgio Agamben (2002, p. 138) também chama a atenção para o problema do refugiado, que coloca em questão a noção de soberania moderna, baseada na assunção dos direitos universais de cidadãos vinculados ao nascimento e à nacionalidade:

[...] se os refugiados (cujo número nunca parou de crescer no nosso século [século XX], até incluir hoje uma porção não desprezível da humanidade) representam, no ordenamento do Estado-nação moderno, um elemento tão inquietante, é antes de tudo, porque rompendo a continuidade entre homem e cidadão, entre nascimento e nacionalidade, eles põem em crise a ficção originária da soberania moderna.

O que nos instiga nessa pesquisa é a questão da velhice, colocada na atualidade, como problema que vem sendo enfrentado por estudiosos da gerontologia social que apontam inúmeros e diversos mo-

6 Disponível em: <<http://www.unhcr.org/sadako-ogata-japan-1991-2000.html>>. Acesso em: 02 mai. 2014.

7 Os idosos pertencem ao grupo de refugiados e pessoas deslocadas como invisíveis. Espero que mude esta situação.

dos de envelhecer. A experiência da temporalidade está relacionada às vivências pessoais, à maneira como sentimos, pensamos e agimos. Assim, o envelhecimento se inscreve na temporalidade por meio de processos de distintas subjetividades.

Envelhecer pode significar desigualdade social, no sentido de menor oportunidade, menor participação e menor status, configurando categorias de idosos incluídos que desfrutam de direitos e benefícios das políticas sociais e aqueles excluídos e designados como dispendiosos. Por sua vez, existem também diferenças entre trajetórias de vida que se exprimem em modos distintos de se vivenciar a velhice.

Por isso faz-se necessário distinguir a noção de desigualdade social – que hierarquiza a população de velhos em privilegiados e dispendiosos –, da concepção de diferença – que diz respeito a variações e singularidades dos modos de envelhecer. É predominantemente no universo de desigualdades que se encontra esse grupo ainda mais vulnerável: os idosos em situação de refúgio. Mas também se distinguem em suas singularidades nos enfrentamentos das dificuldades, como veremos a seguir, nos depoimentos dos idosos refugiados que foram capazes de inventar saídas para sua condição adversa.

É imprescindível lembrar que em algumas sociedades e culturas os rituais e as crenças fazem parte da vida de cada sujeito, compondo sua história e sua experiência. Para muitas culturas, o velho foi – e ainda é – a figura que detém a tradição e tem a missão de transmiti-la aos mais jovens, na intenção de conservar a própria história e a de sua comunidade enquanto ser coletivo. Torna-se relevante fazermos essa inferência, dado que muitos de nossos entrevistados são oriundos de culturas nas quais o velho ocupa esse importante papel.

Veja ou outra somos impactados pela mídia por causa de tragédias de pessoas que tentam escapar de seus países por razões diversas: pobreza, guerra, perseguição, desastres ambientais etc. As cenas que chegam às nossas casas geralmente são de famílias compostas por crianças, homens e mulheres jovens. No entanto, entre os milhões de refugiados encontra-se um grupo, quase sempre invisível, talvez em condições de maior vulnerabilidade ainda: homens e mulheres que passaram dos 60 anos.

Na atualidade, assistimos aterrados às transmissões da mídia a respeito de grandes levadas de refugiados sírios tentando atingir alguns países europeus que possam lhes oferecer condições de vida e de trabalho. Porém, as difusões midiáticas não conferem destaque aos idosos refugiados, apenas a jovens e crianças.

Artigo 4Envelhecer longe de casa:
Aspectos culturais e sociais dos refugiados na cidade de São Paulo

Na tentativa de afetar a sensibilidade de um público que acessa as informações, para um maior comprometimento crítico, o filósofo Walter Benjamin (2012, p. 219) já advertia: “Cada manhã recebemos notícias de todo o mundo. E, no entanto, somos pobres em notícias surpreendentes. A razão para tal é que todos os fatos já nos chegam impregnados de explicações”. O que queremos dizer é que deveríamos nos surpreender pelas condições a que esses velhos são submetidos em situações de refúgio.

Acreditamos que a maior razão para pesquisar o universo em que vivem os idosos refugiados atualmente consiste em trazer informações “surpreendentes” de pessoas “surpreendentes” que até os dias de hoje, no que se refere à realidade brasileira, ainda não foram ouvidas e muito menos lembradas. Nesse sentido, de posse das reflexões anteriores sobre refúgio e velhice, selecionamos a seguir as falas dos refugiados velhos que entrevistamos.

EMANCIPAÇÃO E ENVELHECER

O interesse pelo estudo acerca do envelhecimento entre pessoas em situação de refúgio ocorreu pela possibilidade de mostrar a vivência da velhice em condições adversas, bem como sensibilizar o poder público para o problema. Assim, nossa motivação consistiu prioritariamente na questão do envelhecimento e da velhice de sujeitos, de países e culturas distintas, forçados a refugiarem-se. Todavia, os motivos desse refúgio não constituíram o problema central de nosso estudo, pois nosso foco reside no envelhecimento e na velhice em condições de refúgio.

Com base nas entrevistas constatamos que o refugiado, independentemente de continente, país ou cultura de origem, almeja conquistar emancipação econômica, liberdade e autonomia de escolhas. A maioria dos entrevistados, forçada a se refugiar, escolheu o Brasil. Primeiramente, porque foram acolhidos e depois pelo fato de o país não oferecer, segundo seus relatos, empecilhos por crença religiosa, perseguição política ou aos modos de agir e de pensar distintos. O Brasil é visto por eles como um país que respeita as diversidades de crenças, de raças e etnias.

Nas entrevistas com refugiados com mais de 55 anos, apreendemos a potência de reinvenção de suas vidas, do esforço para a construção de novos laços afetivos e sociais, bem como o desejo de permanecerem no Brasil. A motivação desse estudo foi colocar em evidência um problema ainda não tocado, a saber: o da garantia plena de cidadania no âmbito da seguridade social a todos os refugiados a partir de 60 anos.

Para nós, esse representa um fator de extrema importância e que instiga o desejo de continuidade desta pesquisa, pois consideramos como um dos temas polêmicos a serem abordados a garantia da cidadania plena no âmbito da seguridade social a todos os refugiados com mais de 60 anos.

Trata-se de uma reivindicação que se defronta com muitos obstáculos. Poucos conseguem vencê-los, pois exigem ações cíveis da Procuradoria Pública em São Paulo, conforme nota a seguir:

O MPF ajuizou ação civil pública para garantir que três refugiados palestinos, todos com idade acima de 65 anos, recebam do Instituto Nacional de Seguridade Social (INSS) o benefício assistencial mensal de um salário mínimo, garantido pela Lei Orgânica de Assistência Social. A ação, assinada pelo Procurador Regional dos Direitos do Cidadão [...], pede, ainda, que a autarquia seja condenada a multa diária de R\$ 1.000 caso descumpra a decisão. [...] Para o procurador, “somente a distribuição de uma renda mensal vitalícia aos refugiados palestinos maiores de 65 anos e sem condições de se sustentar permitiria alcançar a igualdade entre brasileiros e estrangeiros residentes no Brasil, preconizada e garantida na Constituição Federal.”⁸

A situação de refúgio enfrenta a ausência de direitos básicos. O refugiado vive a dependência econômica, social e emocional e sua condição é considerada um ônus aos cofres públicos, além de um peso à sociedade que o acolhe. Inúmeras pessoas o veem como alguém que quebra a rotina das cidades, perambula por ruas e bairros sem um destino certo.

É preciso saber que o refugiado possui dois grandes desejos. O primeiro é o de reingressar no mercado de trabalho, a fim de conquistar a sua autonomia econômica; o segundo, é justamente o da conquista da seguridade social. Sem exceção, os nove entrevistados que participaram desse estudo colocaram a questão do trabalho como condição para sua completa inserção na sociedade brasileira. Para eles, a dificuldade de colocação no mercado de trabalho não permite ultrapassarem a fronteira que separa a situação de estrangeiro da condição de cidadão.

Para A. R. P., de origem colombiana, trabalhar com vendas sempre foi sua habilidade. No Brasil, não encontrou grandes dificuldades no exercício dessa função. Na atualidade, entretanto, a intensificação da fiscalização aliada a seu problema de saúde tem dificultado

⁸ Disponível em: <http://www.prsp.mpf.gov.br/prdc/sala-de-imprensa/pdfs-das-noticias/ACP_Palestinos.pdf/view>. Acesso em: 15 jul. 2014.

Artigo 4Envelhecer longe de casa:
Aspectos culturais e sociais dos refugiados na cidade de São Paulo

seriamente sua subsistência. Seu relato revela não somente as dificuldades, mas as formas de vencê-las.

Eu vendia bijuterias por aí, pero antes não havia tantos rapazes (concorrência), por exemplo, no Largo da Concórdia. Ali não era parque e não havia tantas barracas de mercadoria [...]. Então eu me entrete-
nia. Eu já estava [havia] oito meses no albergue e vi que dava para pa-
gar um quarto. Saí para viver num hotel [hotel social], então me entre-
te-
nia assim. Hoje eu não posso fazer nada porque a polícia não deixa e
leva a bolsa com água, um problema [...]. E mesmo em Guaianases, em
São Mateus, a polícia não deixa.

A situação difícil vivenciada por muitos idosos brasileiros pobres, que demandam por políticas públicas, tem sido alvo de pesquisas e discussões por parte de profissionais ligados à gerontologia social. Os idosos no Brasil têm se organizado de diferentes formas para fiscalizar as políticas de governo e exigir o cumprimento dos direitos formalizados no Estatuto do Idoso.

O refugiado A. M., paquistanês, faz referência à falta de segurida-
de social, bem como de políticas públicas para a saúde e educação
em seu país de origem, onde, como diz a seguir, tudo se paga. Con-
tudo, ele tinha um negócio particular que lhe garantia o estudo e o
sustento da família e, com o refúgio, perdeu tudo. E agora, como fica
a sua aposentadoria? :

Minha aposentaria era minha serralheria, mas eu perdi tudo, deixei mi-
nha família sem ajuda, porque no meu país, tudo se paga, paga-se esco-
la, paga-se hospital, paga-se tudo. Meu filho mais velho era professor
de inglês e eu paguei muito dinheiro para ele estudar, meu filho mais
novo quer estudar para doutor.

A sérvia D. S. relata o seu percurso no aprendizado da língua por-
tuguesa a fim de conseguir uma colocação no mercado de trabalho:

O trabalho, o trabalho [...]. Para ter trabalho, você precisa ter
conhecimento, né? Eu comecei a falar o português melhor, pedi para
que minhas filhas falassem somente em português comigo para que
eu pudesse me inserir melhor no mercado de trabalho. [...] As crianças

não pensavam para falar, elas falavam de boa, enquanto eu precisava pensar para traduzir a minha língua para o inglês e do inglês para o português. Nessa época minhas filhas tinham seis e cinco anos. A mais velha já falava inglês fluentemente e ainda conhecia um pouco de alemão, além do idioma sérvio, que é a língua falada em nosso país.

O peruano C. E. S. L., num longo relato, expõe sua trajetória de aprendizado, que passou, inclusive, pela situação de terrorismo no Peru. Ele se lembra dos privilégios econômicos na casa de seus avós. Ainda na infância, se deu conta das injustiças e desigualdades sociais. Segundo ele, por se opor à própria família desenvolveu uma posição socialista, rompendo com a família ao desposar uma “indiazinha”, segundo sua denominação. Seguem trechos de seu depoimento:

[...] se eu vivesse no Peru [...]. olha, seria uma doença e eu era um idiota, eu não vivia; somente trabalhava, me sentia poderoso. Eu não vivia e isso não era o mundo, algo muito individualista e aí eu estava sendo egoísta. E esta coisa se quebrou e foi muito bom. Então, eu não tenho o que temer: hoje eu tenho minhas filhas, meu trabalho, agora um estacionamento, vou caminhando calmamente [...]. Minha família não foi querida por meus pais [no Peru], porque minha esposa é meio “indiazinha”, mas eu a amo. Imagina, eu rompi com toda a minha família porque eles não a querem; eu cortei com todos; ela é uma pessoa maravilhosa. [...]

Descortina-se um panorama que evidencia a precariedade na proteção dos direitos humanos e a reiterada relação de abandono e de exposição das “vidas nuas”, segundo Agamben (2002), em nossa sociedade. O esvaziamento de todo e qualquer sentido político do significado de cidadão, para esses sujeitos refugiados, insere suas vidas numa zona de indiferença, submetendo-as ao jogo cruel da sobrevivência.

PERSPECTIVA DA VELHICE PELO REFUGIADO

O objetivo central de nossa pesquisa consistiu numa escuta das vivências dos refugiados em relação ao envelhecer longe de casa. Independentemente da cultura e do país de origem, todos se revelaram, em suas falas, dispostos a dar início a uma nova vida no país que os acolheu.

Artigo 4Envelhecer longe de casa:
Aspectos culturais e sociais dos refugiados na cidade de São Paulo

As dificuldades enfrentadas são muitas, principalmente, como visto anteriormente, de ordem econômica, em razão da dificuldade de conseguir emprego, o que leva à dependência de pequenas ajudas humanitárias, além da ausência de direitos securitários. A totalidade dos entrevistados se referiu aos direitos garantidos aos cidadãos brasileiros, destacando: o direito dos idosos, de seguridade social, do acesso público à saúde, entre outros, destacando, em suas entrevistas, que esses direitos são ausentes em seus países de origem.

A colombiana M. E. S. C. afirma que “no Brasil, o mais difícil é você ter um trabalho”. Mas ela pondera com a seguinte observação em relação ao seu país de origem:

Sinto que aqui tem mais idosos do que na Colômbia, e aqui os idosos têm mais oportunidades do que na Colômbia. Para laborar na Colômbia, vai de 18 a 35 anos, e depois de 35 anos você não vai conseguir emprego assim tão fácil, então, acho que acá não importa isso, pode ser novo, velho, não importa isso, dá-se trabalho, então acá há mais oportunidade.

O colombiano A. R. P. destaca a sua profissão de comerciante que lhe assegurava uma boa condição financeira em seu país. Diferentemente disso, no Brasil, depende da ajuda financeira humanitária da Caritas e dos serviços do Sesc São Paulo. Porém, considera sua condição atual melhor do que a anterior na Colômbia e ainda refere-se à falta de ajuda de sua família, que continua residindo naquele país:

[...] agora, por exemplo, pergunto por que minha família não me encaminha uns cento e cinquenta reais, pois eu estou há uns seis ou sete meses a esperar, me entende, e eu estou aqui no Brasil, bem melhor. A Caritas me ajuda muito, sim, esta roupa, este sapato, [...], o Sesc, toda essa comunidade [...] Eu sempre reconheço [...] e eu procuro sempre reconhecer a cultura e os amigos.

A iraquiana preocupa-se com a dependência financeira de seu filho e com um possível corte, caso ele venha a se casar e ter seus filhos. Essa falta de uma seguridade social lhe dá receio da velhice. Contudo, ressalta que em seu país não existe uma seguridade pública para os idosos. Afirma N. K. D. que: “hoje meu filho ajuda muito pra mim; amanhã meu filho casa, vai ter família grande, vai ter sua vida... no final, você tem que ter dinheiro, se você tiver dinheiro, tem mais segurança.”

Tanto para a iraquiana N. K. D, quanto para o paquistanês A. M., a velhice em seus países de origem está a cargo da família, porque não existe uma seguridade social, aposentadoria e serviços de saúde de natureza pública.

Segundo N.K.D., “a mulher não mora sozinha, casa grande e família tudo junto, o filho vai cuidar da mãe, filho e mulher do filho vai cuidar da mãe, porque a mulher velha não vai trabalhar mais, [...] a mulher mais velha vai cuidar da casa, dos netos, tudo, tudo”. Nessa direção, afirma A. M. que “no Paquistão é difícil para o velho, quem ajuda o velho é a família e quem não tem família é muito difícil. Tudo lá é pago, tudo se paga no Paquistão e quem não tem dinheiro morre.”

O mais surpreendente dessas entrevistas foi uma referência positiva à velhice, a despeito de todas as dificuldades econômicas e de acesso aos direitos sociais. Para a refugiada senegalesa, conhecida como “Grande mama”, a velhice não lhe causa medo, tampouco é triste, pelo contrário: a longa vida é uma dádiva de Deus, pois permite ter filhos, ver os netos e bisnetos. Ela destaca a importância da saúde e não se amedronta com a morte:

[...] para o velho é importante ter saúde, sem saúde não é bom. Para mim, morrer é morrer, todo mundo vai morrer um dia. Para mim, não, não me preocupa o dia que eu vou morrer, eu falei para o meu filho que o dia que eu morrer eu quero que faça festa para todo mundo, não quero pessoa chorando, eu falei para minha família e eles perguntaram por que e eu falei: quando eu vim para o mundo, minha mãe grávida estava feliz, meu pai estava feliz, eu nasci e eles fizeram festa, me deram nome, então um dia eu vou voltar (morrer), eu quero a mesma festa, se tem dinheiro que quero matar tudo (animais), quero bebida, tudo, tudo. Eu não tenho medo da velhice, porque o dia que eu nasci, todo mundo falou “que Deus lhe dê longa vida”, e então, se Deus dá longa vida, você fica feliz, não é? Se Deus dá longa vida, você vê seu filho, vê neto, vê bisneto, tudo junto, então você conhece tudo. Então, morrer não é triste, quem vive muito fica velho e quem vive muito tem que morrer [risos].

Para o cubano F. M. B., o refúgio, a doença e a solidão vividos por ele o tornaram mais forte. Essas adversidades fizeram com que valorizasse a vida e experimentasse a sua potência de vencer situações difíceis. Já em idade avançada e acometido por uma doença que não quis revelar, ele tinha dificuldades para se locomover até o Sesc, mas tinha uma força que contagiava. Ele afirma:

Artigo 4Envelhecer longe de casa:
Aspectos culturais e sociais dos refugiados na cidade de São Paulo

[...] a solidão é nossa companheira, e será ao lado dela que passaremos a maior parte de nossas vidas, então, chama ela pro seu lado e dance com ela. Estar doente significa repensar a vida e ser um refugiado, então, mais ainda. Não importa se você é novo ou velho, o refúgio, assim como a doença, são desafios que você precisa enfrentar, e já que eu não morri de um ou de outro, estou vivo, então ficar velho é um presente, não é? Eu não sou uma pessoa solitária, mas eu gosto da solidão, e nisso o trabalho ajuda, ajuda a conviver com outras pessoas. Eu preciso e quero continuar trabalhando, para eu ter mais conforto, mas dentro do meu ritmo, e o ritmo eu respeito muito.

Para peruano C. E. S. L., “a velhice vai ser boa, aos 60, 70 [...]. Cada dia se vive todos os dias, e nisso eu tenho certeza de que não há nada de negativo”.

O SENTIDO DA “CASA” PARA O REFUGIADO

Se a vida não nos deu mais do que uma cela de reclusão, façamos por ornamentá-la, ainda que mais não seja, com as sombras de nossos sonhos, desenhos e cores [...]. Como todo o sonhador, senti sempre que o meu mister era criar. Como nunca soube fazer um esforço ou ativar uma intenção, criar coincidiu-me sempre com sonhar, querer ou desejar, e fazer gestos com sonhar os gestos que desejaria poder fazer (Fernando Pessoa, 1982).⁹

O sujeito dessa pesquisa é o refugiado, que difere do imigrante em razão de um exílio forçado do primeiro, diferentemente da decisão voluntária do segundo. Porém, podemos fazer uso de um relato de Novais e Schwarcz (2012) sobre uma situação de imigração, especificamente do imigrante, para introduzir a questão da casa.

Os autores descrevem a chegada dos imigrantes ao Brasil no começo do século XX por transporte marítimo, relatando que esses imigrantes conseguiam trazer alguns objetos pessoais que, de uma forma nostálgica, foram utilizados na decoração de suas novas casas:

Já assentado no Brasil, o imigrante busca amenizar o corte materializando, de várias formas, a lembrança da terra que deixou. Desse modo, o arranjo de sua casa tem características próprias, evidenciadas nos chamados objetos biográficos (NOVAIS; SCHWARCZ, 2012, p. 19).

⁹ Disponível em: <<http://arquivopessoa.net/textos/4267>>. Acesso em: 10 set. 2014.

O que gostaríamos de mencionar a respeito da citação anterior é a condição de muitos imigrantes que, ao decidirem deixar seu país em busca de melhores vidas ou mesmo de segurança física ou psicológica, puderam trazer em suas malas objetos que de alguma forma fizeram parte de suas histórias. Porém, os refugiados que chegam diariamente em solo brasileiro trazem como bagagem apenas a sua vida, não tendo a mínima condição de olhar para trás.

O sentido de casa nessa pesquisa compreende os aspectos geográfico, cultural e afetivo. Ao questionar o refugiado sobre o que seria para ele envelhecer longe de casa, tivemos, em alguns casos, de esclarecer o sentido que estávamos dando ao termo. Esforçamo-nos para evitar noções a priori, visando captar o sentido dado pelos próprios refugiados ao seu exílio e à construção de um novo espaço para se viver, o qual denominamos pelo termo casa.

A colombiana M. E. S. C. relata o seu sentido de casa. Ela salienta a ruptura com seu lugar de origem e enfatiza a necessidade de dar início a uma nova vida no Brasil. Segundo ela, não se vive lamentando as perdas, referindo-se às coisas que deixou para refugiar-se.

Sim, eu sinto aqui como mi casa. Sim, pero eu tenho que aceitar a nova vida, porque se ficar sempre pensando allá, o que era melhor, o que se tinha, o que se perdeu, você vai ficar muito apavorada pensando nisso e vai ficar amargurada [...]. As coisas têm que andar, aquilo passou [...]. Sim, acá, o que ficou para trás, lá está; você não pode trazer sua antiga casa para cá [risos]. [...] Sim, você não pode pensar no relógio que tinha lá, as coisas, já não as tem, e não tem como viver pensando nisso. Quando avaliamos as nossas vidas, sempre estamos pensando nas coisas que temos e que não queremos perder, e um dia deixamos tudo para trás. Então, minha casa é aqui no Brasil, e seria bom estar um pouco mais perto de minha igreja.

Nessa mesma direção, a refugiada D. S. insiste que vai viver a sua velhice no Brasil e procura se distanciar em pensamento de seu país de origem. Mesmo quando sua filha chama a sua atenção para essa atitude inconsciente de anular suas referências do país de origem como forma de se proteger da saudade, ela acredita que esquecer é a melhor saída. Seguem trechos do seu depoimento:

Artigo 4Envelhecer longe de casa:
Aspectos culturais e sociais dos refugiados na cidade de São Paulo

A minha velhice é aqui e assim, passa meses que eu não penso em meu país. Eu sonho em português, é verdade, não tem como... Não tem como e nem porque eu me ligar. [...] A minha filha mais velha me diz: “Mãe, você colocou no inconsciente e fechou e isso não sai. Você fechou para não sofrer, sentir saudades”. Pode ser até [que ela esteja certa], se isso foi uma maneira de me proteger minha cabeça e poder continuar a minha vida aqui normalmente. Por que não? E se for assim [...] envelhecer, como eu não estou pensando no envelhecer, acho que fica complicado pra responder. [...] Eu estou muito bem e vou continuar muito bem também.

A N. K. D., iraquiana, não deixa dúvidas em relação à posição de fazer do Brasil a sua primeira casa.

O Brasil é minha primeira casa, e não a segunda, verdade, aqui é minha casa, porque a minha casa lá é “ex”, entende? Agora não. Este é meu país, eu o respeito, respeito todos. As pessoas aqui abrem os braços para cuidar de todo mundo com amor. Meus filhos estão aqui, graças a Deus, e porque meu país já morreu, já acabou, não tenho mais ninguém lá. Não apenas eu, mas todo mundo tem de respeitar o país onde está, onde mora, onde respira o ar dele, onde come, onde vou [ao hospital] quando estou doente e não adianta dizer “ah, meu país, meu país” Ele já foi, acabou. O que mais precisa uma pessoa – saúde, trabalho, família, o que mais? Eu peço a Deus que cuide de meus filhos [...]. Dinheiro eu não vou levar comigo. A pessoa não precisa de muito.

Para D. D. F., senegalesa.:

Sim, eu gosto muito do Brasil, muito. Precisa saúde, sim, saúde é um problema no Brasil, mas na África tudo você tem que pagar, consulta tem que pagar, receita tem que pagar, tudo... E na África tem dinheiro, mas governo não faz coisa boa. [...] minha casa é aqui, onde moro, minha casa é especial. Se preciso sair [mudar de residência], eu não posso, porque toda gente lá tem muito respeito, homem, mulher todos me chamam de “Mama”. Se chego com coisa pesada e alguém me vê, pessoas vêm para me ajudar.

Para A. M., paquistanês:

O pastor disse: 'agora você vai embora para outro país'. [...] hoje o Brasil é minha casa, eu quero ficar, morrer aqui, quero ficar velho aqui. Muito abrigada Brasil, muito obrigada por ajudar minha vida e minha família.

Para F.M.B., cubano:

Minha casa é aqui. Depois de 32 anos de Brasil, não existe mais casa lá [Cuba], e sei que eu não estaria vivo se continuasse lá. Aas pessoas pensam que só existe uma morada [casa], mas não, a gente constrói nossa morada de acordo com o que esperamos dela. Para mim, a doença e a velhice me deixaram mais sereno, tranquilo, e a experiência da morte, por duas vezes, me fez olhar sempre pra frente e nunca pra trás, nunca como arrependimento, nunca.

O maliense M. D., embora destaque que o lugar em que se vive constitui a verdadeira casa, manifesta o desejo de retornar para sua terra natal, onde gostaria de morrer. É importante frisar que se torna compreensível fazer da terra natal sua última morada, pois se trata de uma importante liderança religiosa de seu povo. E acreditamos que seu desejo seria que seu povo promovesse sua passagem. Mas estas são inferências deduzidas da sua fala.

É isso que é preciso fazer: construir uma nova casa. Onde você mora, é ali que você vive, e ali está seu país. Nós amamos o Brasil, as autoridades não sabem quanto nós amamos esse país. Mas é preciso lhes oferecer a chance de produzir, [oferecer] sobretudo às mulheres. [...] Você precisa ir às cadeias para entender o sofrimento dos refugiados. Muitas mulheres refugiadas estão na cadeia. Sim, você sabe, eu sou idoso, gostaria de morrer na minha terra... Eu sonho com isso. Eu gosto muito do Brasil, tenho uma esposa aqui, tenho filhos. O Brasil me deu essa oportunidade de reconstruir a vida dos meus filhos. Isso não tem preço, não posso medir todo o amor que eu tenho pelo Brasil, mas amo meu país e quero retornar à minha terra.

Artigo 4Envelhecer longe de casa:
Aspectos culturais e sociais dos refugiados na cidade de São Paulo**CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Iniciamos esse estudo com algumas reflexões de pensadores acerca da condição da velhice e do refúgio. Com base nas entrevistas com os refugiados mais velhos, discutimos as principais questões levantadas por suas perspectivas. Chamaram-nos a atenção as diversas saídas que eles encontraram para a sobrevivência e a construção de uma nova vida no Brasil. E, no caso dos entrevistados velhos, não percebemos nenhuma nostalgia em relação ao passado, país ou cultura de origem, e sim um profundo desejo de fazer do Brasil a sua casa.

Suas reivindicações são as mesmas da maioria dos idosos pobres que não passaram pela violência do refúgio, ou seja, a garantia de uma autonomia financeira para o sustento da família e de seguridade social para uma velhice digna. Destaca-se nesses relatos uma força vital por parte de todos os entrevistados para construir uma vida envelhecendo. Para encerrar, retomamos a afirmação da refugiada senegalesa D. D. F. quando mencionou que “não se desfruta de netos ou bisnetos se não se envelhece”. ☹

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AGAMBEN, Giorgio. *Homo Sacer: o poder soberano e a vida nua*. Trad. Henrique Burigo. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2002.
- BEAUVOIR, Simone de. *A Velhice*. A realidade Incômoda. Trad. Heloysa de Lima Dantas. São Paulo; Rio de Janeiro: Difel, 1992.
- BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Trad. Sergio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 2012.
- BOSI, Ecléa. *O Tempo Vivo da Memória: ensaios de Psicologia Social*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2012.
- BRASIL. Leis e decretos, Estatuto do Idoso. Lei nº 10.741, de 1º de outubro de 2003. Disponível em <http://www2.camara.leg.br/a-camara/programas-institucionais/inclusao-social-e-equidade/acessibilidade/legislacao-pdf/Legislaoidoso.pdf>. Acesso em 19.set.2017
- DEBERT, Guita Grin. *A reinvenção da velhice*. São Paulo: Edusp; Fapesp, 1999.
- MARTINELLI, Maria Lúcia. *História oral: exercício democrático da palavra*. São Paulo: Texto de apoio didático, 2012.
- MERCADANTE, Elisabeth, F. *A construção da identidade e da subjetividade do idoso*. 1997. 217 f. Tese. (Doutorado em Ciências Sociais) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1997.
- NOVAIS, Fernando A.; SCHWARCZ, Lilia Moritz. *História da Vida Privada no Brasil São Paulo: Companhia das Letras, 2012. v. 2*
- PARDAL, L. et al. Língua e Integração: representações sociais de imigrantes. In: ANÇÁ, Maria. H. (Org). Aproximações à Língua Portuguesa, *Cadernos do LEIP*, Coleção Temas, n. 1, Universidade de Aveiro, Aveiro, 2007.
- REVUZ, Christine. A língua estrangeira entre o desejo de um outro lugar e o risco do exílio. In: SIGNORINI, Inês (Org). *Língua(gem) e identidade: elementos para uma discussão no campo aplicado*. Campinas: Mercado de Letras; São Paulo: Fapesp, 1998.
- SAID, Edward. *Reflexões sobre o exílio e outros ensaios*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- TEIXEIRA, J. A. C.; CORREIA, A. R. Fragilidade social e psicologia da saúde. Um exemplo de influências do contexto sobre a saúde. In: *Análise Psicológica*, v. 3, n. XX, 2002
- TODOROV, Tzvetan. *O homem desenraizado*. Tradução Christina Cabo. Rio de Janeiro: Record, 1999.
- TÓTORA, Silvana. Apontamentos para uma ética do envelhecimento. *Revista Kairós*, São Paulo, n. 11, v. 1, jun., 2008.
- TÓTORA, Silvana. *Velhice, uma estética da existência*. São Paulo: Educ; Fapesp, 2015.
- VOLPE, Miriam L. *Geografias de exílio*. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2005.
- WEIL, Simone. *O Enraizamento*. São Paulo: Edusc, 2001.